

Dirêtor-Editor: Julião J. Ribeiro
Propriedade dos grupos refratários do Porto
p. Optimos, de Sevilha, Espanha
Dirigir toda a correspondência a DELIO VOUGA
RUA DA BOUÇA, 215 — PORTO

refratários

Composto e impresso na
Tip. «Artes & Letras»
R. Fernandes Tomás, 481
PORTO

1.º ano-n.º 6
28-2-1922

BI-MENSARIO ANARKISTA-ECLETICO :
Fora das patrias e das seitas. Supranacionalistas

EM PORTUGAL: 1 ez.—10 cts. Serie
de 10 n.ºs.—1.600.
EM ESPANHA: —n.ºm. suelta—10 c.ºnti-
mos. Serie de 10 n.ºm.—uma peseta.

O «cáos», russo na opinião refratária

A'... «um individualismo social. Lonje de separar o individuo da sociedade, esse individualismo considera o individuo como um elemento social que se anonisa com o todo e que só existe como função do todo.»

Palante—*Pessimisme et Individualisme*, Editor: Felix Alcan, Boulevard Saint-Germain, n.º 108, Paris...

«E' legitimo perguntar no que se teria tornado o movimento social, tam frãgil já, se a lonjinqua estrêla da Revolução Russa não ouvesse surjido!

«A Revolução Russa teve e terá, é banal repeti-lo, incalculaveis repercussões.

«Ela barrou a estrada, até certo ponto, á reação mundial. Estou persuadido que foi graças á Revolução Russa que nós pudemos evitar em França o golpe de estado rialista ou bonapartista, que, meditando bem, seria o fim lojico da guerra.»

André Lorulot, artigo *Où en est l'anarchisme?* aparecido no organ individualista-anarkista *Le réveil de l'esclave*, numero de 1 de Dezembro de 1921.

Alguem quiz vêr nos nossos fulminantes e justiceiros ataques aos ditadores burguêses da *Comuna*, o indecoroso jornal que tanto se tem distinguido no sistematico propósito de aviltar a Russia, uma apolojia indirêta do Bolxevismo. Ouve mesmo boas almas—Tartufo proliferou em cynicas messes!—que aventaram a drolatica ipotesi dum entendimento entre os refratários e certos elementos do Partido Comunista. Seria fácil desfazer a atoarda, uns e outros tendo um caminho diferente a trilhar, mas nós preferimos tratar a questão sob o ponto de vista das ideias, o que nos livrará de descêr a regatear com os copiosos (...) oradores libertinos que por aí zurrã tropos á liberdade... de comercio.

Uma lição de individualismo pelo sistema Ollendorf...

A' um individualismo social—escreveu Palante, que caiu na *tolice* de estudar o caso—e á tambem um individualismo psicolojico, subjêtivo, que, como tal, «n'est plus une doctrine politique, juridique et sociale» mas, acrescenta o mesmo irritante escritor, «une attitude psychologique et morale, une forme de sensibilité, une personelle sensation de vie et une personelle volonté de vie»

O individualismo social, o mesmo que é seguido e preconizado no refratários, implica um otimismo social, crê na unidade da especie humana, esperando o progresso da própria diversidade dos seres. Os individualistas desta especie «são umanistas no sentido que Stirner deu a este termo; são solidaristas, socialistas mesmo, se se toma

esta palavra no seu sentido mais lato.»

O individualismo destes individualistas projêta-se para fora, para a sociedade.

Daqui se depreende que, lonje de perfilhar literalmente a conhecida sintese do simbolico Stockman,—o omen mais só é o omen mais livre!—os individualistas-socialistas procuram modificar o meio ambiente, atuando nele como elementos ativos de transformação. Todo o socialismo—demonstrou-o o alemão Gystrow—é nas orijens essencialmente dinâmico, evoluçionando em sériações infinitas de modalidades, numa dirêtriz verdadeiramente umana. O socialismo, estruturalmente individualista e anti-dogmatico, repele como absurda toda a concêção monistica da vida, proclamando altivamente a soberania indiscutivel do individuo!

Olhado o socialismo sob este ponto de vista, verifica-se que, para os individualistas tambem, a questão social sobreleva todas as demais questões. A marcha das coisas sociais, lonje de lhes desinteressar, cativa-os enormemente. Eles não ignoram que a sua propria liberdade só eziste na razão direta da liberdade dos outros—e daí os seus apelos á revolução, apelos vibrantes e enerjicos, que nos individualistas representam ainda o intimo desejo de aniquilar uma sociedade de gosadores e de biltres.

O individualista puro, á maneira metafisica de Stirner e modernamente de Armand, poderia ficar sempre um isolado, um descontente, um orijinal; mas essa atitude nunca poderia sêr tomada como um principio filosofico ou social, ela seria sempre apenas «uma atitude psicolojica e moral, uma forma de sensibilidade, uma pessoal sensação da vida», o que lhe tiraria todo o interêsse para o sociologo e para o propagandista.

Essa atitude requintadamente intelectual não nos seduz. Todos os que escrevemos e fazemos o refratários, vivemos não só fora da lei de deus e da lei dos omens, mas tambem, o que é um pouco mais assustador, fora dos kilos, metros & litros. Quere isto dizer que, não dispondo das chancas do Norberto nem dos elásticos do Paiva para avenda, temos de trabalhar, *bon gré mal gré*. Vivemos no ambiente mefítico das oficinas e dos escritorios, numa comunhão intima de revolta com todos os deserdados. Sofremos como todos os que nesta sociedade labutam; assim compreende-se a nossa ansiedade em modificar social e moralmente o meio em que vejetamos.

O «cáos» Russo

A derrocada bélica trouxe no seio o fruto uberrimo da Revolução Social Russa. Essa Revolução, que se anunciou como abrindo a era das grandes realizações socialistas, teve logo de início, a dificultar-lhe a marcha e a entorpecer-lhe os passos, a opposição vigorosa dos burguêses e a guerra

Hino das Águias

Ao forte vendaval, na fulgida miragem,
Buscãmos pela Vida a expressão mais brilhante!
Águias-reais da luz, em perenal viagem:
— O corpo é uma prisão; a ideia um astro errante.

Ruja embora, o tufão. Crepitem o sol queimante,
Não rende esta vontade á rude vassalagem...
E vamos descansar o seio palpitante,
Nos píncaros brutais, mais altos, da paizagem!

D'ali fitando a esfera azul do pensamento,
Deixãmos lá no fundo o pantano mortal
Onde a beleza geme e o vicio toma alento...

E enquanto a primavera esplendida dos astros
Vibra em revolução e frêmitos do ideal,
Andam as multidões no pantano, de rastros!...

(Inédito)

SALVATERRA JUNIOR.

surda de certos elementos mascarados de libertarios. Estes, abencerrajens já odiosos dum pseudo romantismo acrata, não tiveram pejo em conluir-se á Patronal—acusou-os em Paris o individualista Lorulot—fazendo nos seus ricos organs a detratção infamissima da grande revolução Eslava! Não se viu, não se quiz vêr toda a imensa tragedia Russa, as dificuldades temerosas dum bloqueio criminoso, a inercia tremendamente acusadora do proletariado Europeu; e vá de acusar a Russia e a Revolução, porque esta, como Palas Ateneia da cabeça de Jupiter, não saíra armada de ponto em branco—um bijou espressamente fabricado nas lojas chics de Paris!

Lonje de perfilhar o falso romantismo duns tantos libertarios, nós entendemos que a Revolução Russa foi até onde o permitiram as possibilidades revolucionarias da multidão. O interessante inquerito a que procedeu o sr. Segrue, redãtor do *Daily News*, de Londres, veio revelar-nos coisas absolutamente ignoradas e perfeitamente irrefutaveis no campo das ideias. Verificou-se então que freqüentemente o governo bolxevista teve de ir ao encontro das tendencias conservadoras dos operarios e dos camponeses, destes sobretudo, sendo obrigado a restaurar pouco a pouco usos e tradições que a Revolução parecia ter subvertido para sempre.

A intensa miopia dos fáceis criticos Ocidentais viu nesse facto um lamentavel recuo; a verdade é que o povo vive ainda escravizado a uma serie de dogmas e de mentiras, relijiosas e nacionalistas, a que uma simples revolução, por mais funda e violenta, não porá facilmente cobro. Não se muda num dia a mentalidade dum povo—lenta operação dos séculos. O sr. Le Bon já ensinou isto á muitos anos, mas os integralistas do comunismo libertario—falamos dos sinceros—continuam a crêr, com uma fé digna de melhor sorte, no santissimo dogma da evolução por catastrofes!...

No momento a Russia não podia ir mais lonje. A própria ignorancia dos proletarios Europeus a impedia de marchar. Enquanto que uma escassa minoria de rebeldes, em cujo numero orgulhosamente enfileiramos, entendia que era um crime, um monstruoso, um ignobil crime, deixar que a burguesia internacional se conluísse pacatamente para dar cabo da Revolução Russa—a grande massa dos trabalhadores vivia no anseio perene da ganhuça, enfeudado o espirito, o cerebro e o estomago nos aumentos de salario. Já na jornada dolorosa de Brest-Litovsk ficara sem eco o chamamento eroico de Trotsky! Este, que com Lenine fizera parte da oste luminosa que em Kiental e Zimerwald levantou bem alto a bandeira vermelha do internacionalismo, em vão apelou para os sentimentos revolucionarios dos trabalhadores do mundo! Por isso nós opuzemos sempre, a este proletariado sordidamente comprometido em nocivas batalhas dum reformismo repugnante, o soberbo exemplo dos soldados vermelhos, que sem çapatos, em andrãjos, mal alimentados, defenderam para todos, nas lamas jeladas do Norte, as trincheiras da Revolução Internacional!

Uma pergunta aqui caberia formular: onde estavam os criticos da Revolução Russa, quando Lenine fazia em Kiental, na órrida atmosfera guerreira, as mais belas afirmações de solidariedade internacional e revolucionaria? O que fizeram eles para evitar o trãjico esventramento dos Russos, auxiliando assim aquela grande e incompreendida Revolução, levada a cabo em plena e minacissima guerra de torvos imperialismos?...

Ora, o que faziam! De mãos dadas com os seus governos davam-se á apolojia vibrante do direito latino e da civilização anglo-americana, entregando-se de passajem, nas Ali-Babá do comercio e da industria, á libertaria tarefa de tosquiar os eis-camaradas. Nos intervalos cuspiam calunias sobre

Traidores e cobardes!

Transformação perenne

Ao DELIO VOUGA

uma Alma de Artista e de Apostolo

*Toda a matéria vil formou-se unicamente
De lodo, poáridão e delectério pus.
O que a Natura cria é um germen transcendente
Dónde o Homem surgiu depois de haver a luz.*

*Tudo quanto germina é tudo que fenece
Nas entranhas do globo appenas se transforma...
A carne faz-se flor mas não desaparece,
Continua a existir debaixo doutra forma.*

*Um diamante é um Sol, dizeis, vendo-o brilh r
Em reverberações de olympicos fulgôres;
E' simplesmente lodo o que nos cega o olhar
— Um atomo de puz com irisadas côres.*

*A Luz, a Flor, o Aroma, a Gotta crystalina,
Mudam, por sua vez, de forma sem cessar...
Pois, converte-se em fluido o lyrio ou em bonina,
Em astro fulgurante ou raio de luar.*

*O grão que a mão humana atira à terra bruta
Torna-se numa planta ubérrima e sadia.
Da gotta d'agua sae, no interior da gruta,
A nivia estalatyte a transbordar magia.*

*O Verme que se move, o Aspide que se agita,
São o germen que faz a argila e outra materia.
Eu proprio que serei? Em mim o que palpita?
Lagrymas de Jesus, ou vibrações de Imperia?*

*O Limo do jardim, Anemonas formosas,
O rocio de crystal onde o luar fulgura,
São um mysto, sem fim, de coisas melindrosas
Que se fundem, por vez, no forno da Natura.*

*Nada é immutavel, não! O thesouro mais bello,
Cedo ou tarde será um punhado de pó,
Que o tempo levará, num sopro, sem disvello,
A' retorta da vida onde estão Nero e Job.*

*Que somos, pois, então? Esse ideal mysterio
A que a Morte reduz os homens mais as flôres,
E' o principio que faz gerar no azul siderio
Mundos como este nosso e Soes abrasadores.*

*O Sol, o proprio Sol, o pae da Natureza
O que funde os metaes no seio exhuberante,
Transformar-se-ha, tambem, toda a sua belleza
Ha-de tornar-se em pó em tempo mais distante.*

*Tudo quanto germina provem duma alta essencia,
Muda de condição na existencia ou no Alem,
«Nada se perde ou cria», ensina-o a sciencial...
Lavoisier proclamou-o em symbolos de Bem.*

*A transcendencia azul que impelle a Natureza
Onde o Espirito voga em ancias de Desejo,
E' a força que dimana em ondas de belleza
Quer na vaga do Mar, quer no lyrio do brejo!..*

Inédito.

AMADEU SANTOS.

Porto, 15-2-922.

Mas, o que nos deixa totalmente ás aranhas, é o facto do Centro do sr. Brito «não distinguir classes» (base 19.ª do programa-base) o que já não sucede com a U. S., cujo exemplo é citado, e que distingue duas essenciais—a dos trabalhadores e a dos capitalistas. Vê-se que ouve um lapso na redacção do programa. De facto, o Centro vive para agrupar uma classe, a dos industriais e a dos comerciantes, e vive numa intima comunhão com a Comuna. Foi no Centro que se ocultaram os trauliteiros da noite de 30—os mesmos que sistematicamente combatem Lenine no Centro, na Comuna e um pouco partout, tendo ainda o impudor verdadeiramente satânico de levantar a voz sacrilega contra os «perseguidores» dos anarkistas Russos! E como a jente do Centro tem dinheiro, toca a fazer-lhes o jogo sinistro—muito embora nos carcerees espanhóis camaradas queridos agonisem lentamente!

Sabe-se que A Comuna foi acusada de traição aos interesses do proletariado do paiz visinho. Em vez de se defender, em vez de nos ripostar bravamente, A Comuna ergueu-se num indecoroso namoro a Rafael Peña, publicando no seu último numero uma carta que este á muito lhe avia dirijido.

E' interessante notar ainda—inter-

sante e típico—o facto dos elementos dirijentes das diversas instituições a que nos dirijimos terem apelado para A Comuna, no caso do anunciado movimento, como a única entidade que na imprensa poderia tratar com ezito esta questão das perseguições. Ezistia, evidente, o propósito de salvar o desmantelado grupello. Pois, senhores cavalheiros de industria: todos vós procedestes como traidores, traidores ao anarkismo, que nada tem com o sindicalismo (um impressionismo do ventre, até o desqualificado Carvalho está de acordo) traidores ao proletariado espanhol, traidores ao pensamento livre que por todas as formas procurastes manietar. E' o mesmo Rafael Peña, um homem que vive como nós «fora dos Metros, Kilos & Litros», um dos inumeros eis-prisioneiros do Carcel Modelo, que nos autorisa a fazer á Comuna as seguintes comprometedoras perguntas:

Porque não publicou A Comuna os depoimentos integros dos acusados de Alcalá de Guadarín (Sevilha) hem como os depoimentos das testemunhas de acusação e defeza? Esses depoimentos—esclarece Peña—infririam na consciencia do proletariado Português, fazendo com que este se revoltasse ao ter conhecimento dos terriveis sofrimentos e das torturas a

que inquisitorialmente foram submetidos os acusados de atentados cometidos pela policia.

Esses depoimentos, que sobremaneira teriam influido no ánimo dos operarios, levando-os a uma ação enerjica ante os consulados, não foram publicados; mas publicaram os discursos dos advogados de defeza, que, ainda que pletoricos de rebeldia, não revelavam as locubrações, as torturas, os crimes inquisitoriais postos em pratica contra os militantes pela Guardia Civil e por toda a policia.

Porque não publicaram tambem—transcrevemos sem alterar uma virgula—aquele chamamento, cheio de sedição, que eu fazia ao povo Português, para que exteriorizasse um forte movimento de protesto ante os consulados, reclamando a liberdade dos presos por questões-sociais em Espanha, e enviando telegramas coletivos á audiencia de Sevilha, com o objecto de alcansar a liberdade das vitimas de crimes cometidos pela policia?

Estas acusações são vibrantes—e concretas; mas Peña leva os escrúpulos ao ponto de acrescentar:

«Se disserem o contrario (refere-se aos da rua do Sol) publicarei os orijinais, que tive o cuidado de guardar em duplicado».

Apezar de todas estas acusações; apezar mesmo da intima solidariedade que une os refratários aos anarkistas do grupo Optimos, e a todos os camaradas que como nós vivem fora da lei de deus e da lei dos omens, os comerciantes e comercializaveis do Centro colocaram-se lado a lado da Comuna. Está bem. Nós continuaremos a iniciada agitação, felicitando-nos pelo caminho que as coisas levam. Que os Brito, os Lucena, os Paiva, os Matos, os Robredo e os Carvalho, omens de cacete e de violencia, dêem as mãos aos Dato e aos Maura, conluindo-se numa obra de esterminio a todos os revolucionarios, é coisa que bem se compreende. **Proprietarios**—teem que perder! **Comerciantes**—teem que roubar! **Policias**—teem que velar pelas instituições que os protejem! refratários, nucleo de anarkistas e de revolucionarios, é que continuará na sua campanha de agitação, oje conquistando uma alma, amanhá conquistando outra; e sempre contra todos os tiranos e todos os autócratas, ao lado do proletariado espanhol e ao lado de todos os explorados, anarkistas, bolxevistas ou socialistas, numa comunhão intima de ideais, num anseio irremovível de justiça!

Os refratários

As «calunias» e «infamias» do refratários

Transcrevemos do *Jornal de Noticias* de 15 do corrente, 1.ª pagina, 7.ª columna, fundo, a seguinte noticia, a que, por agora, nos dispensamos de tecer o mais ligeiro comentario

Na União dos Empregados no Comercio do Porto

SESSÃO EXTRAORDINARIA

Em sessão extraordinaria, reuniu ontem a comissão administrativa desta associação de classe, para resolver assuntos de importancia.

Entre as questões que mais detidamente mereceram a atenção da maioria presente conta-se o incidente suscitado entre o delegado da classe á M. S. D. e o respetivo Conselho Federal, por motivo de acusações feitas a alguns membros da direção.

Finalmente, ponderada devidamente a responsabilidade que importava semelhante resolução, foi aprovado por unanimidade um documento com as seguintes conclusões:

- 1.º—Protestar perante a organização operária contra a maneira acintosa como na redacção da «Comuna» foi discutida por patrões pseudo-libertarios a pessoa do colega secretario geral;
- 2.º—Reclamar, por intermedio do delegado da Federação junto da C. J. T. que seja desfeita a calunia, ao mesmo tempo que esclarecida a atitude pouco correta da U. S. O. local;
- 3.º—Suspender, até resolução em definitivo da assembleia jeral, a delegacia na U. S. O.;
- 4.º—Fazer publicas estas resoluções, quer pelos jornais da classe, da organização operaria ou manifesto.

Pensou o grupo anarkista refratários em promover uma seria agitação de protesto contra as violencias da reação espanhola. Para isso, e no único intuito de dar ao projetado movimento uma intensidade que doutro modo difficilmente tomaria, dirijiu-se á União dos Sindicatos Operarios, Centro Comunista do Porto e ao Nucleo da Juventude Sindicalista.

Fazia-se notar claramente, nos officios enviados, que em Espanha os sindicalistas e anarkistas são caçados como feras. A intervenção do proletariado internacional—via-se pla intensa agitação iniciada em França por elementos de todas as correntes avançadas—não era já uma questão de ideias, era antes uma questão de vida ou de morte. Discutir, pôr entaves, terjiversar num momento assim grave, o mesmo seria que colaborar com os inimigos do proletariado espanhol.

Fizemos sentir tudo isto; mas a União dos Sindicatos, pela boca dum pretenso anarkista tipo comuna, respondeu-nos que «a organização operária é uma entidade alheia a grupos filosóficos ou policos, não podendo, por esse motivo, colaborar numa obra iniciada por anarkistas». Acrescentou ainda, numa estranha incoerência, que «apenas a C. J. T., entidade coordenadora do movimento operario, tinha competência para levar a cabo um movimento dessa espécie».

Poderíamos salientar a contradicção desta resposta, contestando a competência da C. J. T. em levar a cabo um movimento de protesto contra uma reação que vitima preferentemente os criminosos do pensamento—coisa a que a mesma C. J. T. se confessa totalmente alheia.

Toda a jente sabe que a C. J. T. são três letras de caixa alta, impotentes para reunir o proletariado quando a barriga reclama, e por essa mesma razão ultra-impotentes quando em vez da barriga é o cérebro que grita. O que se desejava no momento—e de Espanha assim no-lo faziam sentir angustiosamente—era reunir meia-duzia de elementos decididos, todos eles um pouco além da mentalidade gregarizante das foules sindicadas, e frente-a-frente do comercio e da industria espanhola, num grande assomo de indignação, esteriorisar a intima solidariedade que une os revolucionarios de Portugal aos revolucionarios de Espanha!

Demais como poderia a C. J. T. iniciar um movimento desta magnitude, se em 1920, quando pela primeira vez pensou nisso, ouve de sêr espicaçada pelo grupo *Novos Tempos*, não passando, apezar de tudo, das moções platónicas e conselheirais?

Bem o percebeu claramente assim o delegado dos Litografos á U. S. O., Alberto Carneiro, dando toda a sua adesão ao projetado movimento do refratários. Este digno camarada compreendeu que não fazia sentido que pretensos anarkistas colaborassem com as forças burguesas nas suas instituições especificas, como a do Tribunal dos Arbitros Avindores, recebendo um salario de aviltantes colaborações—recorrendo ao estúpido argumento da neutralidade filosofica no preciso momento em que uma ação enerjica deveria substituir toda a furia palavrosa dos falsos meneurs. E para isto entram os anarkistas na vida sindical!

Em officio datado de 29 de Janeiro, signé pelo industrial Antonio José de Brito—este sim, polidor nas oras-vagas—informa nos a Comissão Administrativa do Centro Comunista do Porto «que resolveu não nos ceder as salas (respeitamos a grafia e a sintaxe de preto do nosso informador) pelo mesmo motivo que levou o Nucleo da J. S. e a U. S. O. em não vos enviar delegados».

Quer no C. C. quer na U. S. O. o refratários encontrou pela frente representantes da Comuna, que tinham todo o interesse em inutilisar o projetado movimento, tanto mais que as acusações de Rafael Peña vinham pôr em evidencia traições passadas. Dai o torpe conluio efêtivado em detrimento único dos metralhados de Espanha. Mas nós já pulverisamos as alegações do representante—diriamos melhor do «governante»—da U. S. O., vamos pulverisar agora—e é tam fácil fazê-lo!—a grosseira resposta de Antonio Brito—porque a resposta é dele, exclusivamente dele.

Ora disse o sr. Brito que o Centro não cedia as salas pela mesma razão, etc. Deduz-se então que o C. C., á semelhança da União dos Sindicatos, cura apenas dos interesses económicos dos socios, alheando-se em absoluto das questões éticas ou filosóficas?

